

Lembranças

Ninguém pode ser mais feliz que eu.

Possuo formas não tão longilíneas, minhas roupas aderem ao meu corpo em uma elegância nunca vista. Os anos passam e como passam.

Medo. Frio. Sede.

Fiquei debaixo de um sol tórrido, onde achei que ele ia me sugar todinha.

Já me vi triste, desrespeitada, por crianças, jovens, homens, mulheres, anciãs...

Também pelo tempo. Esse não perdoa. Lança em nós suas marcas e agruras nos revelando ora criança, ora jovem mulher, ora anciã.

Quis ter outras formas. Viver soberana em um rincão bem longícuo.

Ornar um palácio.

Sentir-se cuidada e amparada por um lindo e másculo cadete da guarda imperial, com seu porte altivo e elegante, quem não sentiria orgulho de estar o seu lado.

Lembranças!

Um grito sai de dentro de mim.

É um pedido de socorro!

O silêncio fica caótico a beira daquela estrada.

Força do bem e do mal.

Entendi naquele momento que os meus fantasmas deveriam ser domesticados e quem não quisesse deveria ser banido para fora de mim.

Com seu ranço pegajoso jorra das minhas entranhas, muita magoa e revolta, que sai de dentro de mim queimando como brasa.

Sabia, que tinha que buscar bem no fundo do meu Eu momentos que fui muito feliz.

Foi então que consegui vomitar de uma só golfada todo o asco fédito que queria me possuir. Com ar meio acabrunhado sai do meu eu para apreciar minhas formas. Lembrei o quanto já fui admirada pela minha beleza e grandeza.

Quantos elogios já tinha recebido, ora pelo meu porte, ora pela minha cor.

Quantas donzelas cobijavam a minha roupagem verde oliva que desfilavam nos salões e quantos rapazes se enamoraram e até casaram, quantos políticos, generais, passaram por mim, altivos, arrogantes se achando imortais, quantos funerais com seus cortejos majestosos que logo adiante

tombariam no solo como frágeis seres. Quantas carruagem com casais de noivos enamorados que trocavam juras de amor eterno, sem se importar com a minha presença exuberante mais calada, mas também passavam intelectuais, miseráveis, malandros, sem-vergonha, baderneiros esfomeados e lindas meninas, leves como gazelas, ciganas com lindas saias floridas, e com uma flor no cabelo. E o professor intelectual, que além dos livros tinha uma companheira inseparável e que o único beijo que recebia, era da cadela fumaça, que se sentava aos meus pés e ingeria livros e mais livros.

Estava em revolução de recordações sem armas.

Volto a apreciar minhas formas.

Meus rebentos, abraçados ao meu corpo com ar moreno brejeiro eram tantos que nem contei.

Os amava a cada um, pois sabia de sua singular diferença, uns maiores, outros menores era uma prole de diferente beleza.

Era a prole mais feliz daquele recanto.

À noite tínhamos a lua para nos iluminar, as estrelas que insistiam em piscar para nós e o orvalho com suas gotas fresquinhas matavam a nossa sede. Fortaleciam nossas células.

As Três Maria procuravam se posicionar embora bem altas, mas de maneira tal que pudessem nos contemplar com o melhor ângulo, pois sabiam que não haveria necessidade de fotografá-las.

O sol que pela manhã nos lambia do seu jeito onipotente, ora para aquecer, ora só para brincar de lambe lambe.

A chuva, que nos dava de beber, que nos banhava tirando toda sujeira, dando-nos a vivacidade dos bem nutridos.

Meu corpo que estava impregnado de botão começava a se abrir e o branco neve tomava conta de mim.

Minhas amigas abelhas chegam às milhares e com medo de se atrasarem se lançam freneticamente para sugar o néctar mais precioso gerado por mim. Estão felizes e afoitas, porque estão a trabalho da rainha.

Meus rebentos hora estavam grudados em mim, hora seguiam seu curso normal e eu ficava só.

Logo vinham grudavam-se em mim novamente.

Eu não fui sempre assim, foram às coisas que eu ouvi e vi ao longo da minha vida que me moldaram com momentos de inebriante alegria ou de profunda melancolia.

Certa manhã a principio normal, as pessoas, carros, cavalos, carroças passavam por mim apressadas e atormentadas, os animais inquietos. Parecia que algo extraordinário iria acontecer.

Quando de repente o sol se põe e o dia que acabara de iniciar, torna-se noite, tal foi o meu espanto quando milhares de pássaros agitados se colocaram em meus braços e como crianças que sentem nos braços maternos a segurança, aninham-se calando aqueles piados ensurdecedores, animais de maior porte vão para seus estábulos, as pessoas se acomodam refugiando-se em seus lares, só os mais afoitos com óculos escuros olham para os céus.

E assim a noite chega.

Subitamente o sol começa a surgir no horizonte.

Será que estou louca?

Não.

Centenária continuo a gerar vida.

Não sei se sou mais mãe, mais irmã, ou mais amiga.

Meu corpo hoje retorcido e mutilado.

Com júbilo que digo: podem me contemplar, ainda sou bela.

ATENÇÃO

O acervo disponível para consulta neste site é composto de obras desenvolvidas pelos alunos do Núcleo de Dramaturgia do SESI/PR, e foram disponibilizadas tão somente para fins educacionais. Desta forma, é vedado ao usuário ou qualquer outra pessoa que tenha acesso ao conteúdo deste site, copiar, modificar, transferir, sublicenciar, vender, ou de qualquer forma, colocar à disposição de terceiros, sem autorização do detentor dos direitos autorais.

Contato da autora: Irene Popiel

Email: irene@popielimoveis.com.br